

**Ensino de teatro e formação de grupo:
relato de uma experiência artístico-pedagógica**

Maria Alice Possani

**Ensino de teatro e formação de grupo:
relato de uma experiência artístico-pedagógica**

**Performing Arts Education and theater group formation:
report of an artistic-pedagogical experience**

Maria Alice Possani¹

1. Maria Alice Possani é atriz, professora e diretora teatral, fundadora do Grupo Matula Teatro, sediado em Campinas, SP. Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Cena da Unicamp. É professora do Curso de Graduação em Artes Cênicas da Unicamp, em caráter emergencial, desde 2018 até o momento atual (maio de 2021). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5125-1502>. Email: possani@unicamp.br.

Resumo

O texto é um relato de memória que se propõe a traçar articulações entre criação, universidade e teatro de grupo, tomando como referência o curso de graduação em Artes Cênicas da Unicamp e as práticas do Matula Teatro, de Campinas (SP). O grupo formou-se dentro do curso e em seus vinte e um anos de trajetória, coaduna práticas artísticas, pedagógicas, relação com comunidades e pesquisa acadêmica. Através de um breve histórico de formação do curso, das propostas iniciais e das atualizações do projeto de ensino, busca-se relacionar características dos grupos formados por alunos oriundos da Graduação em Artes Cênicas e o conceito de direcionalidade, conforme proposto por Tenenblat (2015).

Palavras-chave: Teatro de Grupo. Formação de atores. Matula Teatro. Graduação em Artes Cênicas/ Unicamp.

Abstract

The text is a memory report that proposes to articulate creation, university, and theater groups, taking as reference the Unicamp's undergraduate course in Performing Arts and Matula Teatro practices (Campinas, SP). The group was formed while its members were studying at the university and, in its twenty-one years of trajectory, the group combines artistic and pedagogical practices, relationship with communities and academic research. Through a brief history of the creation of the course, the initial proposals and updates of the teaching project, this essay seeks to relate characteristics of the groups formed by students from Performing Arts undergraduate and the directionality concept, as proposed by Tenenblat (2015).

Keywords: Theater of groups. Acting Training. Matula Teatro. Performing Arts Undergraduation/ Unicamp.

Este texto é um relato de memória, que se propõe a traçar articulações entre criação artística, universidade e teatro de grupo. Está dividido em três partes: 1) Breve histórico da criação do curso de graduação em Artes Cênicas da Unicamp e sua proposta de formação de grupos; 2) Apresentação do Grupo Matula Teatro como exemplo de grupo oriundo deste curso, e cuja trajetória caracteriza-se por intrínseca relação entre pesquisa, criação, formação e extensão; 3) Exercício de identificação de características comuns aos coletivos formados na graduação em Artes Cênicas da Unicamp, e suas relações com a proposta pedagógica do curso.

É também uma forma de homenagear o curso em que as bases do Matula foram gestadas, em agradecimento e celebração dos que vieram antes e que ocuparam as salas e povoaram de imaginação, ação e jogo os espaços que há quarenta anos respiram teatro e que, desde 1986, constituem o Departamento de Artes Cênicas da Unicamp.

Os que vieram antes

Esta história começa quando as atrizes e atores que viriam a constituir o Grupo Matula Teatro provavelmente estavam nascendo, e um grupo de atores (jovens, mas já com alguma trajetória e reconhecimento) era chamado para iniciar uma série de cursos livres de teatro para funcionários e alunos de diferentes cursos da Unicamp. Estamos falando do ano de 1979 e início dos anos 1980.

O grupo de jovens atores e atrizes era então liderado por Celso Nunes, diretor teatral já de trajetória reconhecida no meio artístico. Quando convidado a promover cursos de teatro para a comunidade da universidade, Nunes conseguiu acordo para que esse trabalho fosse realizado não por ele sozinho, nem por professores e professoras que já compunham o quadro da instituição, mas sim pelo Pessoal do Vitor, um coletivo teatral formado por seus ex-alunos e ex-alunas.

Durante os primeiros anos da década de 1980, o grupo foi responsável por ministrar cursos livres de teatro para a comunidade acadêmica e por sistematizar o que viria a ser o curso de graduação, cujos primeiros ingressantes foram recebidos em 1986.²

2. Relatos sobre o início do curso de graduação em Artes Cênicas da Unicamp podem ser encontrados em vídeo, com depoimento de Verônica Fabrini, disponível no site do Instituto de Artes (<https://www.youtube.com/watch?v=c7J7DjzKjKU>), e no registro da live 'Memórias do Ensino e da Cena, entre materiais e manufaturas', que contou com a participação dos professores aposentados Márcio Tadeu e Helô Cardoso, transmitida ao vivo em 14 de janeiro de 2021 e disponível no canal do Youtube do Laboratório de Produção e Ação Cultural do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp (<https://www.youtube.com/watch?v=xm17tflyUs&t=2003s>). Acesso em: 24 de abril de 2021.

É importante destacar que a maior parte dos integrantes do Pessoal do Vitor, embora tenham se conhecido no município de São Paulo, durante curso da Escola de Arte Dramática da USP (EAD), eram oriundos do interior do estado e haviam se deslocado para a capital em busca de formação e qualificação profissional, inexistentes em seus municípios de origem. Nesse contexto, um dos objetivos da criação do curso da Unicamp - e isso era verbalizado constantemente por Celso Nunes e pelos e pelas integrantes do grupo que se tornaram docentes - era a formação de grupos teatrais que pudessem permanecer no interior, deslocando o conhecido “eixo Rio-São Paulo”, que concentrava boa parte das oportunidades de trabalho e formação na área artística.

O desejo de que os alunos e alunas egressos constituíssem grupos teatrais e retornassem às suas cidades, desenvolvendo trabalhos com qualidade artística (ou mesmo que pudessem permanecer em Campinas) foram pilares que balizaram a formação do curso, com reverberações significativas nas propostas pedagógicas que vieram a ser desenvolvidas.

Naquele período inicial, foi construído um projeto pedagógico cujo eixo norteador amparava-se fortemente na experiência de processos de criação. Trago a seguir um exemplo significativo, relatado por Márcio Tadeu, um dos integrantes do Pessoal do Vitor e professor fundador do Departamento de Artes Cênicas. Márcio Tadeu (2021) relembra uma passagem desses anos iniciais em que discutiram sobre uma disciplina de história do teatro, exigida pelo MEC para regulamentação do curso. Os e as artistas-professores optaram, então, por trazer a história a partir do espetáculo teatral e dos espaços cênicos, em uma abordagem histórica contextualizada pelos processos de criação. Márcio Tadeu conta que durante essa disciplina, em uma das turmas iniciais, surgiram dúvidas relacionadas ao “espaço shakespeariano”. Para conversar sobre essas dúvidas, professor, alunos e alunas decidiram experimentar algumas cenas. Esses estudos foram ganhando forma espetacular e desdobraram-se na criação do grupo Benditos Malditos e em seis montagens de espetáculos apresentados dentro e fora da Universidade, em Festivais e Mostras da época. Sobre essa experiência, Tadeu destaca ainda que nunca tinha imaginado que seria capaz de dirigir um espetáculo, uma vez que, na sua prática artística até então, vinha ocupando funções de atuação e cenografia, nunca de direção, e que junto a estes alunos descobriu-se capaz de conduzir processos na função de diretor.

O relato dessa memória diz muito da disponibilidade para a experimentação presente nos anos iniciais do curso, tanto da parte dos alunos quanto dos professores. Um ambiente pedagógico estimulante da criatividade.

Outro aspecto importante a ser destacado desse momento de fundação do curso de graduação era a ideia de formação de ‘pessoas de teatro’, que pudessem circular por outras funções além da atuação. Esse pensamento estava em consonância com um modo de organização bastante presente nos coletivos atuantes nas décadas anteriores, amparado na ideia de criação coletiva e autogestão; nas características dos integrantes do Pessoal do Vitor - que vieram a ser os primeiros professores do curso de Graduação em Artes Cênicas da Unicamp - e no contexto da produção no interior do estado de São Paulo, em que muitas vezes não

havia disponibilidade de profissionais de áreas específicas à disposição.

Já nesse período inicial, foram criados os Laboratórios de Figurino e Cenografia - que permanecem em funcionamento até hoje - e espaços como o Ateliê, coordenado pela profa. Helô Cardoso, em que os alunos e alunas experimentavam a criação de máscaras e outras materialidades da cena. Esse Ateliê era um espaço de criação, mas também de convívio e de encontros, um centro nevrálgico do Departamento, em que tudo acontecia, de reuniões a processos criativos.

Dessa maneira, a perspectiva do trabalho coletivo e da construção de um saber pautado na experiência dos processos criativos foi sendo impregnada no ambiente, no ar, nas paredes e nas narrativas que constituem o mito fundador do Curso de Graduação em Artes Cênicas da Unicamp.

Com o passar dos anos, o programa de disciplinas foi sendo revisto e transformado, em constante exercício de aprimoramento. Se o formato do curso original não foi o mesmo que os alunos-atores que viriam a formar o Matula Teatro encontraram quando iniciaram suas aulas em 1998, tampouco o curso de então é o mesmo de agora.

Fazendo a ponte entre os desejos que levaram à fundação do curso e os alunos e alunas que chegavam nos anos finais do século XX, destaca-se a importância de Verônica Fabrini.

Verônica Fabrini foi aluna da primeiríssima turma, participando da primeira seleção de vestibular e iniciando o curso em 1986. Formou-se e, em seguida, tornou-se professora do curso, onde ministra aulas até hoje. Atualmente, Verônica Fabrini é a única professora ativa que traz na pele e na alma as vivências e memórias da fundação do curso, e teve um papel fundamental em todos os momentos em que houve reformulações do projeto pedagógico. Juntamente com os outros professores e professoras do Departamento de Artes Cênicas, vem atuando sistematicamente em prol de refinar esse projeto de curso, mantendo vivo o espírito dos anos iniciais e atualizando os percursos que o conectam ao impulso original.

Nesse sentido, destacamos a permanência dos Laboratórios de Figurino e Cenografia, atualmente funcionando em conjunto sob a denominação de Laboratório de Materialidades da Cena, bem como a criação de novos Laboratórios, tais como o de Dramaturgia, de Produção e Ação Cultural e de Atuação. A ampliação dos laboratórios dá-se em sintonia com a proposta inicial de formar artistas de cena com conhecimentos da linguagem teatral para além da atuação, e também com o intuito de articular o curso de Graduação às pesquisas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação e às práticas artísticas dos docentes.

Com relação ao projeto pedagógico atual, destacamos um aprimoramento em relação aos projetos anteriores, e que vem contribuindo de maneira perceptível no estímulo à formação de coletivos, que são os Projetos Integrados de Criação Cênica, implementados na reestruturação do projeto pedagógico no ano 2000. Chamados carinhosamente de PICCs, esses projetos são desenvolvidos por alunos e alunas dos terceiros e quartos anos, e consistem na realização

de processos de criação dirigidos/orientados por um conjunto de professores, e realizados de maneira coletiva dentro das turmas. Esse tema será retomado na terceira parte deste texto.

Durante os trinta e seis anos de existência deste curso, podemos elencar os nomes de alguns coletivos teatrais que - assim como o Matula Teatro - foram organizados a partir de encontros e experiências que aconteceram durante a graduação e que deram continuidade aos trabalhos mesmo depois de formados: Boa Companhia (1992), Benditos Malditos (1995), Grupo do Trecho (2007), Os Geraldos (2008), Cia de Teatro Acidental (2010), Companhia dos Náufragos (2012), Damião e Cia de Teatro (2012), Cia Histriônica de Teatro (2013), Coletivo Animales, entre outros.

Matula Teatro

O Matula Teatro é um coletivo que iniciou seus trabalhos no ano 2000, e consolidou-se como grupo durante o período em que seus integrantes ainda cursavam o curso de graduação em Artes Cênicas da Unicamp.

Inicialmente como um grupo de estudo ligado a um projeto de Iniciação Científica (Okamoto, 2001) os então estudantes-atores/atrizes iniciaram um trabalho sustentado em uma prática que conectava de maneira intrínseca pesquisa e extensão: por um lado, os atores desenvolviam um treinamento intenso em sala de trabalho, baseado nas práticas e metodologias compartilhadas pelo Lume Teatro (Campinas, SP) e de outro, frequentavam uma Casa de Apoio à população em situação de rua da cidade de Campinas, local em que ganhou forma o que veio a se tornar um Projeto de Extensão Universitária³ realizado de maneira contínua ao longo de quatro anos, e que contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Unicamp.

Dentre as várias frentes que compunham este projeto, estava a realização de oficinas de teatro para frequentadores de uma Casa de Apoio à população de rua de Campinas. Por conta disso, a equipe do projeto (que contava com alunos e alunas de diferentes cursos da Unicamp, como Matemática e Estatística, Letras, Geografia, História e Artes Cênicas) estudou teórica e praticamente as metodologias do Teatro do Oprimido, que subsidiaram essas oficinas na Casa. A equipe também estabeleceu parcerias que levavam apresentações artísticas para esse local, bem como possibilitou a vinda dos moradores de rua, frequentadores do projeto, para espaços da Unicamp. Eles estiveram no Lume para assistir o espetáculo de estreia do Matula; estiveram no Departamento de Artes Cênicas fazendo oficina e conhecendo o local em que boa parte da equipe estudava; estiveram na porta da Pró Reitoria de Extensão reivindicando a continuidade do projeto quando houve uma descontinuidade de recursos de apoio às atividades.

Durante o período de realização desse projeto, o Matula alugou um barracão, que passou a sediar as atividades do grupo e a receber apresentações do

3. Projeto Arte e Exclusão Social - investigação estética e participação comunitária envolvendo moradores de rua. Idealizado pelo Grupo Matula Teatro e com orientação dos professores Verônica Fabrini, Sandro Tonso e Renato Ferracini.

grupo Pé no Chão, formado por moradores de rua participantes do projeto. Também foi realizada uma parceria com a USP, através da CECAE - Coordenadoria de Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais, que resultaram em uma sequência de intercâmbios: um encontro na Unicamp de formação em práticas de Teatro do Oprimido para funcionários e colaboradores da CECAE; apresentações do Matula e do Pé no Chão no campus da USP; apresentações do Matula em espaço cultural de uma comunidade com a qual a CECAE mantinha um projeto de extensão, entre outras trocas acadêmicas.

Durante esse mesmo período, o grupo de alunos-atores/atrizes do Matula manteve um constante trabalho de atuação baseado nas metodologias desenvolvidas pelo Lume. Também, os alunos-atores realizaram duas pesquisas de Iniciação Científica; concluíram a graduação; criaram três espetáculos a partir de depoimentos e histórias dos moradores de rua e alugaram uma sede no distrito de Barão Geraldo. Dois integrantes iniciaram pesquisas de mestrado referenciadas por essa farta e intensa experiência.

O Matula é um exemplo de um grupo teatral longo e ainda atuante, que nasceu dentro do Departamento de Artes Cênicas e que se estruturou a partir de uma articulação entre pesquisa e criação artística; assim como das relações entre a cidade de Campinas e a pesquisa, e entre a criação artística e a comunidade ou território. Na trajetória do grupo, é possível identificar claramente a tríade ensino-pesquisa-extensão, que é o tripé sob o qual assentam-se as Universidades públicas. No caso do Matula, constitui-se como um único no 'DNA' do grupo, tornando indissociáveis os limites entre essas três vertentes.

O exercício constante de sistematizar as práticas do grupo (potencializada pelas pesquisas dos integrantes que se desdobraram em pesquisa de Iniciação Científica e, posteriormente, de mestrados, doutorados e pós-doutorado), aliado à experiência de realizar projetos com comunidades e não-atores, fez com que as práticas pedagógicas estivessem sempre presentes na trajetória do Matula. Seja em trabalhos com comunidades, em oficinas curtas que acompanham as circulações do repertório, em oficinas-montagem realizadas na sede, seja pela prática docente em escolas de teatro de Campinas e da região.

Podemos dizer que tanto as atividades desenvolvidas nos anos iniciais, quando o grupo ainda estava ligado à Unicamp, quanto os trabalhos desenvolvidos posteriormente - e que sempre articulavam criação, relação com comunidade, prática pedagógica e pesquisa acadêmica - constituíram uma referência importante para a compreensão das práticas de extensão e suas contribuições para a formação do artista da cena. A partir disso, foram uma inspiração para que fosse criada uma disciplina chamada Práticas de Ação Teatral na Comunidade, presente até hoje no projeto pedagógico do curso. A importância do trabalho do Matula como uma referência para a disciplina é evidenciada por diversos momentos em que o grupo foi chamado a contribuir com a mesma, seja através de palestras pontuais de integrantes do grupo, seja como professora colaboradora e, mais recentemente, através da minha atuação como professora emergencial.

Se, por um lado, podemos considerar que em alguns momentos o trabalho do Matula foi uma referência para atividades do curso, por outro, as pes-

quisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (tanto realizadas por integrantes do grupo como por terceiros) provocam deslocamentos e ressignificam constantemente as escolhas artísticas do grupo, muitas vezes indicando e pautando caminhos a serem percorridos nos processos de criação.

As pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas pelos integrantes do grupo foram, ao mesmo tempo, fruto das práticas do coletivo e propositoras de temas, linguagens e experimentações que constituem o repertório artístico e pedagógico do Matula. A pesquisa de Mestrado desenvolvida por Melissa Lopes (2006) deslocou o olhar das questões urbanas presentes na primeira fase do grupo para o campo, através do registro de depoimentos e do convívio com mulheres que viviam em assentamentos rurais nos estados do Paraná e São Paulo, cujas histórias e temática geraram dois espetáculos teatrais, *Gosto de Terra* (2005) e *Querência* (2007).

O trabalho de preparação do grupo e as mudanças com relação à ideia de treinamento de ator, experimentadas pelo coletivo, constituíram importante referência para minha Dissertação de Mestrado.⁴ Por outro lado, o envolvimento com o Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena atravessou essas experiências por um novo circuito de pensamentos, conceitos e práticas, contribuindo para uma crítica à perspectiva dos dez primeiros anos do grupo, bem como um redirecionamento das práticas em sala de trabalho dos anos seguintes. Essas problematizações subsidiaram minha pesquisa de Doutorado⁵ que, por sua vez, estimulou a criação de um novo trabalho - *Jogos Cortazianos - instruções para desaparecer* (2015) - e a afirmação do uso de espaços públicos como território de intervenções artísticas, presente em nossas oficinas e criações desde então.

Mais recentemente, o Pós-doutorado da atriz Erika Carolina Cunha de Oliveira (2020) foi determinante para a definição da temática do espetáculo *Como se Fosse* (2020), em mais um processo cujas margens foram delimitadas por pesquisa acadêmica desenvolvida no mesmo período do processo de criação.

Podemos dizer que, ao longo dos seus vinte e um anos de trajetória, as relações entre o grupo Matula e a universidade vêm acontecendo de modo paradoxal: embora o grupo não tenha nenhum vínculo oficial com a Unicamp, suas práticas referenciam pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, tanto pelos integrantes do Matula⁶ quanto de outros pesquisadores; além das integrantes do grupo contribuírem com a Graduação por meio de palestras, de colaborações em disciplinas e, mais recentemente, através da minha atuação como professora.

Pedagogia de coletivos

Nitza Tenenblat (2015) destaca dois elementos que seriam característicos dos processos de criação em coletivo, e a partir dos quais poderíamos en-

4. Ver em: Possani (2012).

5. Ver em: Possani (2017).

6. Outros exemplos, além dos referenciados anteriormente, ver em: Okamoto (2004), Lopes (2014) e Oliveira (2016).

tender o modo pelo qual determinado coletivo ou processo opera: são eles a proposicionalidade e a flexibilidade.

A proposicionalidade é a característica de um indivíduo de propor ideias. Exige capacidade de tomar consciência da sua proposição e conseguir comunicá-la aos outros de maneira eficaz. A flexibilidade é a capacidade de acolher ideias alheias; a abertura para experimentar propostas de outros com a mesma inteireza que experimentaria uma ideia própria. Ambas - proposicionalidade e flexibilidade - estão presentes em qualquer processo coletivo. No entanto, a maneira como elas se articulam é um indicativo do modo como o grupo se organiza.

A partir desse olhar, Tenenblat (2015) identifica dois modos de condução dos processos criativos, nomeados de direção e direcionalidade. A direção refere-se a processos em que:

[...] a flexibilidade não é extensiva a todos na mesma proporção. [...] Na segunda tendência (direcionalidade), as etapas/processos/procedimentos de significação com maior peso e/ou em maior quantidade tendem a ser coletivizados. Isso significa dizer que além de um alto grau de propositividade entre os membros, há também muita flexibilidade (TENENBLAT, 2015, p. 5- 6).

Na direção, as decisões mais significativas tendem a permanecer no campo individual, e os processos são realizados por redirecionamentos a partir de escolhas definidas a priori: adições e subtrações sobretudo para excluir o que escapa da direção pré-determinada. Na direcionalidade, diz Tenenblat (2015) «[...] a trajetória e o rumo da direção é flutuante pois depende diretamente dos membros e suas respectivas proposições» (TENENBLAT, 2015, p. 7). Cada escolha é consequência das experimentações e diálogos anteriores.

O conceito de direcionalidade proposto por Tenenblat (2015) refere-se aos processos de criação e ao modo como a função da direção é exercida nesses processos. Neste texto, entretanto, proponho que o termo seja aplicado não a um processo específico, mas ao modo como o grupo se organiza de maneira mais ampla: nas relações entre os integrantes; no modo como as decisões artísticas são tomadas; na organização da produção e na gestão do coletivo em todos os seus aspectos.

Podemos observar essa tendência de organização nomeada pela autora como direcionalidade na grande maioria dos coletivos citados anteriormente, oriundos da graduação em Artes Cênicas da Unicamp e, especialmente, após o ano 2000. Apesar de serem grupos com diferentes quantidades de integrantes, tempos de trajetória, linguagens espetaculares, formas de produção e organização, notamos a direcionalidade como uma característica resultante do projeto pedagógico do curso, desde sempre voltado à formação de “artistas de teatro” que possam dialogar com diferentes áreas do fazer teatral e que sejam capazes de trabalhar e produzir de maneira coletiva.

São oriundas das Artes Cênicas da Unicamp companhias que se organizam a partir da junção de atores e atrizes, sem a figura de uma liderança que responda pela direção: tal função costuma ser exercida por artistas convidados

ou por integrantes do próprio coletivo, mas nunca de maneira exclusiva por um único integrante. É igualmente comum que aqueles e aquelas que assumem a função de diretor ou diretora também atuem, seja concomitantemente ao exercício da direção, ou nas situações em que tal função é assumida por outra pessoa.

Nesses grupos, que não se organizam em torno da figura de um(a) diretor(a), existe uma tendência maior de coletivização dos processos e alternância das funções de proposicionalidade. Isso é bastante evidente na trajetória do Mautula Teatro, e pode ser observado na maneira como o coletivo, sistematicamente, acolhe as diferentes pesquisas desenvolvidas por seus e suas componentes, reverberando o estudo individual no grupo como um todo.

No exercício de buscar na proposta pedagógica do curso do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp os elementos que poderiam contribuir para a formação de atores e atrizes e grupos com tais características, retomo a importância dos Projetos Integrados de Criação Cênica e a maneira como esses processos acontecem.

Ao longo do curso, são realizados quatro desses projetos, sendo que nos três primeiros há a presença de um professor-diretor, e no último um professor-orientador. Embora os materiais/temas que serão trabalhados sejam decididos em conjunto entre alunos e professores, existe uma sequência pedagógica que orienta cada um desses processos. No primeiro, os espetáculos são criados a partir de materiais não-dramáticos, em exercício de realizar o que seria uma escrita da cena; ao passo que no segundo, o foco está na fábula, no modo como a história é contada (aqui entram especialmente materiais dramatúrgicos compreendidos dentro do teatro épico); e no terceiro, aborda-se a questão do personagem, em diálogo com materiais dramáticos e com a poética realista. No quarto e último processo, o projeto fica a cargo dos alunos: desde a decisão sobre tema / questão / texto e poética que vão orientar o processo, até as técnicas e metodologias utilizadas. Aqui não existe um professor-diretor, mas sim um professor-orientador, de maneira que os alunos possam exercer a tomada de responsabilidade pelos próprios processos ainda com respaldo e orientação docente, mas já em vislumbre do exercício profissional fora da universidade, que virá a seguir.

Essa sequência de ações pedagógicas começa por um processo que investiga o que seria uma escrita da cena a partir de dispositivos não-dramatúrgicos e, conseqüentemente, com ênfase no jogo improvisacional e na criação coletiva. É só no terceiro processo que o foco do aprendizado estará na construção do personagem, de maneira mais individualizada. Nessa fase, espera-se que as bases do jogo e da construção coletiva já estejam incorporadas, fazendo com que a perspectiva individual esteja amparada por uma significativa base de coletividade.

Além desse percurso pedagógico, existe uma outra camada nesses processos que pode contribuir para a formação de grupos que operem dentro do conceito de direcionalidade, conforme proposto por Tenenblat (2015), e que se encontra no modo como eles são organizados curricularmente.

Existe um conjunto de disciplinas que compõem os PICCs e que são ministradas por outros professores que não o professor-diretor: uma disciplina

teórica e outras duas de práticas, nas áreas de corpo e voz. Além desses quatro docentes, diretamente envolvidos através de disciplinas regulares, há também o envolvimento dos Laboratórios, especialmente da área de Materialidades da Cena (cenografia e figurino) e, mais recentemente, do Laboratório de Produção e Ação Cultural. Dessa maneira, há pelo menos seis professores e professoras envolvidos(as) nos processos, contribuindo a partir das suas respectivas áreas.

Em todos os PICCs, os alunos e alunas participam ativamente da criação e realização da cenografia, figurinos e produção das apresentações. Desenham, seram, costuram e pintam; transportam; montam luz e som; organizam logística; cuidam da comunicação e de todas as necessidades para a criação e apresentação dos espetáculos. Vale destacar também que os trabalhos são apresentados em uma Mostra coletiva, e que os alunos também colaboram com as produções de outras turmas, ora na bilheteria, ora na técnica ou na divulgação, em exercício de coletivização que vai além da montagem em que cada um está diretamente envolvido.

Desde que foi implantada a proposta que traz os Projetos Integrados de Criação Cênica como estruturantes do percurso pedagógico do curso de graduação, podemos identificar um aumento significativo de grupos que são formados durante a passagem dos alunos pelo Departamento de Artes Cênicas, e que seguem atuando após a conclusão da formação acadêmica.

O corpo docente atual não tem mais o perfil dos e das fundadores(as) do curso, que eram integrantes de um mesmo grupo e com repertório comum no que se refere aos processos de criação, às metodologias e às propostas formativas. Atualmente, todos os e as professores-fundadores estão aposentados. No entanto, podemos encontrar uma atualização do *modus operandi* original no projeto pedagógico que vem sendo praticado desde 2000: embora os professores e as professoras venham de trajetórias diferentes, atuam de maneira integrada nos PICCS.

É importante destacar que as disciplinas que compõem tais projetos não têm conteúdos previamente definidos, e são conduzidas a partir das especificidades de cada processo. Por exemplo, a disciplina teórica trabalha a partir dos temas/autores/poéticas do processo de criação em andamento. O professor da área vocal não só prepara os alunos e alunas como, muitas vezes, compõe e faz o arranjo das músicas que serão cantadas; as práticas corporais também não têm técnicas e metodologias definidas a priori, mas busca-se, a cada semestre, referências que possam subsidiar os espetáculos em processo. Dessa maneira, embora exista um professor ou professora responsável pela direção artística, esses outros(as) docentes também atuam como co-criadores(as), com intervenções que transformam os espetáculos que estão sendo criados. O mesmo vale para a professora da área de Materialidades da Cena, que integra os processos a partir do diálogo com o Laboratório dessa área.

Podemos dizer que esse corpo docente, atuando de maneira integrada, mantém vivo o espírito de criação coletiva fortemente presente nos anos iniciais do curso e, portanto, pode propiciar aos alunos e alunas experiências de processos criativos desenvolvidos em conjunto, com alto grau de flexibilidade no aco-

lhimento de proposições, não só na relação entre eles e elas, mas também entre os próprios professores e professoras.

Esse percurso pedagógico também possibilita que os alunos e alunas que encontram afinidades entre si possam experimentar uma sequência de processos de criação em conjunto ainda dentro da Graduação, vivenciando quase que um processo de «gestação de grupo» dentro do Departamento de Artes Cênicas.

Nesses coletivos, é comum acontecer uma circulação por diversas linguagens e poéticas, sob influência dos diferentes diretores e diretoras convidados para projetos e/ou do revezamento da função dentre os integrantes, quando é essa a opção. É o que nos diz Tenenblat (2015), no trecho já citado, sobre a tendência da função diretiva ser flutuante (TENENBLAT, 2015, p. 7), remetendo mais uma vez à direcionalidade.

Se as poéticas experimentadas podem ser plurais e variáveis, é possível dizer que esses grupos contribuem para a expansão de um campo de conhecimento ligado, sobretudo, aos modos de organização necessários à existência e permanência de um coletivo a longo prazo, articulando proposicionalidade e flexibilidade em um tênue equilíbrio, e construindo uma forma de sustentabilidade artística e afetiva que coaduna processos criativos e modos de existência.

Resta saber, é claro, se esses grupos citados - e muitos outros que não foram citados aqui, mas que estão dentro do perfil descrito - de fato conseguirão manter-se em atividade a médio e longo prazos, sobrevivendo a todos os percalços que atravessam o cotidiano de artistas e trabalhadores da cultura em nosso país.

Independentemente disso, podemos concluir que, em tempos de dissensos quase irremediáveis e de hipervalorização da individualidade acima de tudo, o desejo de caminharmos juntos e juntas e a disposição para buscarmos algum equilíbrio entre proposição e flexibilidade, em prol de um permanecer coletivo, já podem ser considerados um alento. Temos nos grupos teatrais um suspiro, algum horizonte, diante da falta de espaços para o exercício da construção de um senso de comunidade, tão fundamental para quaisquer perspectivas de vida em sociedade e de cidadania.

Referências

- FABRINI, Verônica. Histórico do Departamento de Artes Cênicas. Vídeo (7 minutos). Publicado no canal do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c7J7DjzK-jKU>. Acesso em 24 abr. 2021.
- LOPES, Melissa dos Santos. Ver além da máscara. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284110>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- LOPES, Melissa dos Santos. Território Cênico de encontros íntimos. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/285237>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- OKAMOTO, Eduardo. Acham mesmo que não valia a pena? - Imitação de Corporeidades observadas em moradores de rua. Relatório (Iniciação Científica) - Bacharelado em Artes Cênicas, Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, 2001.
- OKAMOTO, Eduardo. O ator montador. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284815>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- OLIVEIRA, Erika Cunha Rizza de. Front(eiras): dramaturgias entre o real e o imaginário. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/320842>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- OLIVEIRA, Erika Carolina Cunha Rizza de Oliveira. Dramaturgias de Fronteira. Relatório (Pós-doutorado) - Programa Nacional de Pós-Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, IA/UNICAMP, 2018-2020.
- POSSANI, Maria Alice. Poeiras da Estrada: rastro para pensar o trabalho do ator sobre si. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284561>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- POSSANI, Maria Alice. O ator em jogo: tessituras entre corpo, cena e cidade. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Programa de Pós Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332040>. Acesso em: 30 mar. 2021.

TADEU, Márcio; CARDOSO, Heloísa; FABRINI, Verônica. Mesa de debates “Memórias do Ensino e da Cena, entre materiais e manufaturas”, realizada em 14 de janeiro de 2021. Vídeo (2 horas e 9 minutos). Publicado no Canal do Laboratório de Produção e Ação Cultural do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xmI-7tfflyUs&t=2003s>). Acesso em: 24 abr. 2021.

TENENBLAT, Nitza. Direção e direcionalidade na criação em coletivo. Ilinx - Revista do Lume - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp, Campinas, n.7, p. 1-9. agosto de 2015. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/334/294+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Submetido em: 15/05/2021.

Aceito em: 22/06/2021.